

JEAN-FREDERIC BERNARD E A SUA COMPREENSÃO DA HISTORIA NO “RECUEIL DE VOYAGES AU NORD”

JEAN-FREDERIC BERNARD AND HIS UNDERSTANDING OF HISTORY IN “RECUEIL DE VOYAGES AU NORD”

Leandro de Araújo Sardeiro*

Recebido: 09/2016
Aprovado: 10/2016

Resumo: O presente estudo pretende analisar o tratamento dado por Jean-Frédéric Bernard à compreensão da História no interior do seu trabalho de editor. Para tanto, a principal referência de análise será a sua coleção de “Recueil de Voyages au Nord”, por se tratar de um trabalho de grande difusão e aceitação quando do seu lançamento.

Palavras-chave: Século XVIII, Filosofia Clandestina, Crítica religiosa.

Abstract: This study analyzes the treatment given by Jean-Frédéric Bernard on the understanding of History inside his editor job. Therefore, the main reference for the analysis will be the collection of “Recueil de Voyages au Nord”, because it was a widespread and well-accepted work when it was printed.

Keywords: XVIII Century, Clandestine Philosophy, Religious criticism.

Introdução

Através de um olhar criterioso e cuidadoso, é possível perceber que as distinções teóricas entre os universos conceituais dos séculos XVII e XVIII na Europa são muito grandes. Os princípios cartesianos de inteligibilidade são conservados, mas passam a ser discutidos através da ótica seja de Espinosa seja de Malebranche. A isso vem somada a necessidade da evidência histórica defendida por Locke e é possível observar no contexto francês e europeu em geral um embate muito grande entre esses diferentes ideais teóricos. Começa a se estabelecer nesse momento a “*République des lettres*” e as questões filosóficas que antes eram discutidas através de grandes redes de correspondências privadas, intermediadas por nomes como o do padre Marin Mersenne ou de Fabri de Peiresc, passam a ser discutidas através de periódicos de grande circulação, como o “*Journal des Savants*”, as “*Nouvelles de la République des Lettres*”, o “*Journal de Trévoux*” ou o “*Mercure de France*”, dentre outros. Obras como o “*Dictionnaire Historique-Critique*” de

* Professor Assistente da Universidade Estadual do Piauí – UESPI/Picos. Doutorando em *Forme e Storia dei Saperi Filosofici nell'Europa Moderna e Contemporanea* na Università del Salento/Université Paris-Sorbonne, XXVI, Ciclo.

Pierre Bayle inauguram uma nova maneira de se escrever filosofia e abrem o caminho para a construção do monumento do pensamento Iluminista, representado pela “*Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*”, publicado entre 1751 e 1772 e mais conhecido como “*Encyclopédie*”. Como consequência imediata da revogação do Édito de Nantes em 1685, surgem diversas obras de polêmica encetadas pelo confronto entre Católicos e Protestantes e suas respectivas apologéticas, completando o já bastante grande volume de obras resultantes dos conflitos mantidos entre os jesuítas e os jansenistas sobre a condenação do *Jansenismo*. Com todas essas mudanças, pode-se dizer que, com o século XVII, o universo europeu conseguiu estabelecer uma nova visão metafísica do mundo, resultando no domínio científico-matemático sobre os seres do mundo material e num avanço tecnológico até então pouco experimentado pelo conhecimento humano. O século XVIII, por sua vez, assumiu os conflitos humanos como seu ponto de principal referência e colocou as questões sociais, políticas e religiosas como seu fim primordial. Em resumo, é possível mesmo defender o pensamento do século XVIII como o resultado de uma *crise* de transformação da consciência europeia, como diria Paul Hazard (1961).

Acredito que seja importante citar todas essas transformações para que se possa compreender de modo mais determinado o arcabouço conceitual próprio ao século XVIII e, sobretudo, às *Luzes* nascentes. Além disso, é importante também para que se perceba que o resultado dessas transformações é uma compreensão bastante particular do que seja a própria Filosofia, muito diferente em relação ao século anterior¹, além de iniciar uma discussão sobre a Filosofia da História que também será singular e bastante diferente das discussões posteriores sobre o assunto².

Para os intuítos do presente estudo, devo também sinalizar o século XVIII como o momento no qual ganha destaque um outro tipo de literatura. Refiro-me às obras apresentadas como *relations de voyage*. Os números do “*Journal des Savants*” de 1716, por exemplo, apresentam diversas delas, tais quais o “*Recueil de voyages au Nord*” (p. 3-7, e p. 17-22), a “*Voyage de l’Arabie heureuse par l’océan oriental & le détroit de la mer Rouge...*” (p. 263-70) e a “*Relation du voyage de la Mer du Sud aux côtes du Chily & du Perou...*” (p. 401-7 e p. 438-42). Através dos demais números e dos demais jornais existentes seria possível enumerar um grande aglomerado de escritos desse gênero surgindo a cada mês. E através dos catálogos das bibliotecas pessoais de personagens importantes do século, tais como Prosper Marchand, Voltaire ou o barão d’Holbach, seria possível observar como eram obras muito estimadas pelos mais diversos integrantes da *République des Lettres* e de lugar cativo nas suas estantes.

O presente estudo pretende discutir a compreensão da *História* nesse tipo de literatura, que em muitos níveis está ligada à construção do *Iluminismo* posterior e à concepção de *História* defendida neste contexto. Para tanto, tomarei como caso de análise o “*Recueil de Voyages au Nord*” e a discussão que o seu editor, Jean-Frédéric Bernard, enceta sobre o assunto no desenvolvimento das suas atividades de edição.

Jean-Frédéric Bernard e o Recueil de Voyages au Nord

Jean-Frédéric Bernard, huguenote refugiado na Holanda depois da revogação do Édito de Nantes, é um grande divulgador das ideias *clandestinas*³ da Filosofia francesa do momento. Através do seu trabalho como editor, atuou ativamente na discussão de muitos temas caros ao *Libertinismo* e ao *livre-pensamento* franceses. O “*Dictionnaire des Journalistes*” (2011, notice 63) apresenta o primeiro registro de Jean-Frédéric Bernard como *Libraire* em 1711, já no país de refúgio. A sua atuação como editor jamais foi algo desinteressado em termos intelectuais. Livros como as “*Cérémonies & Coutumes de tous les peuples du Monde*”, ou mesmo as “*Dissertations mêlées*”, ambas com acento abertamente anti-clerical e anti-papista⁴, levavam em letras garrafais a indicação de sua oficina. O “*Recueil de Voyages au Nord*” (doravante RVN) mereceu atenção especial neste estudo porque acredito que ele possa ser definido como um dos empreendimentos mais ousados de Jean-Frédéric Bernard no início de sua carreira.

Antoine-Alexandre Barbier (1879, t. IV) apresenta uma grande notícia sobre a vida e a obra de Bernard no momento em que nos apresenta o RVN. Trata-se de um projeto editorial iniciado em 1715 e que ganhará novas edições e reimpressões, numa coleção que irá se estender por mais de quinze anos. São dez volumes in-12°. O RVN é um ponto de referência importante para a discussão das concepções de Bernard sobre a *História* porque é possível perceber ali, dentre outras coisas, a inquietação de um *éditeur savant*. E nesse trabalho de editor é possível individuar uma concepção de *História* muito precisa, presente sempre como fundamento para a crítica que direciona ao poderio da Igreja católica e à intolerância religiosa.

O décimo e último volume do RVN é bastante significativo para essa análise. Naquele momento, Bernard nos apresenta um conjunto de considerações pessoais sobre a sua obra sob o título de “*Avertissement, que beaucoup de Lecteurs ne liront pas*” (RVN, 1738, t. X, f. * *recto*)⁵. Bernard então admite ter ultrapassado os limites da sua profissão e ter, por vezes, assumido o papel de tradutor e até mesmo de autor. Assume que se deixou levar pela ideia da glória que tais títulos lhe dariam, mas que se encontra bastante insatisfeito

com a sua falta de perícia no assunto. Quando se refere à sua tentativa como autor, afirma que escrevera muitas trivialidades e coisas inúteis, ao passo que o essencial para a Filosofia, as Matemáticas e a Física foi esquecido. Seriam coisas que, segundo ele, “[...] doivent bien moins être examinées pour contenter la curiosité de l'esprit humain, que pour contribuer à l'utilité publique” (RVN, t. X, f. *3 *recto*). Acredito que essa ideia de *utilidade pública* a que se refere seja exatamente o ponto de inflexão para a leitura das *relações de viagem* que ele apresenta nos diversos volumes. E esse seria exatamente o caminho para a sua compreensão de *História*.

Essa concepção está presente quando ele nos descreve a forma de utilização de uma *relação de viagem*, no quarto volume da primeira edição do RVN, em um prefácio de tradução de um texto holandês⁶:

[...] c'est une chose sûre, ce me semble, que l'usage qu'on peut tirer d'une Relation exacte & bien faite *n'est pas beaucoup différent de celui qu'on peut tirer de l'histoire*, & que si l'on étudie dans celle-ci les passions des hommes, leur conduite & tous les motifs qui les font agir, on doit apprendre à connaître dans celle-là les mœurs des gens qu'on se voit obligé de fréquenter, les suites & les effets de leurs vices & de leurs vertus, leur caractère & les ressorts qui les font agir (RVN, 1718, p. IX. Grifo acrescentado).

Fica evidente que a descrição dos viajantes é vista como um instrumento de aprendizado pessoal. O trecho grifado mostra a sua relação intrínseca com a história. E é nesse sentido que Bernard desenvolve boa parte do seu trabalho como editor. A sua preocupação é sempre *etnográfica* (ou *proto-etnográfica*, se se preferir), mas porque a leitura de uma descrição de viagem deve servir como parâmetro para uma autoanálise e, sobretudo, para o desenvolvimento de uma concepção crítica acerca do seu próprio povo e da sua própria sociedade. Ele afirma no tomo X (f. *7 *verso*) que “Les Voyages nous apprennent enfin que l'homme est le même dans tous les Pays, comme l'Histoire nous dit qu'il a été le même dans tous les Siècles”, e que somente os pequenos espíritos veem como diferentes as distâncias entre os tempos e os espaços – justificando por essa razão a sua ligação rígida a velhos usos e costumes hereditários. Ao criticar esses pequenos espíritos, Bernard os descreve como aqueles que viajam somente para “[...] avoir le plaisir de contempler sans réflexion des Campagnes, des Villes & des Palais” (RVN, t. X, f. *8 *recto*). Rebate então: é melhor que nunca viajem e que levem as suas vidas mecanicamente no terreno em que nasceram.

Como bom huguenote, Bernard também acredita na existência de um ser perfeito e criador. A leitura dos exemplos retirados de outros povos permitiria ao leitor perceber, segundo ele, “[...] comment les Voyages, en donnant à l'esprit plus d'étendue & plus de moyens pour connaître les merveilles de la Nature, nous manifestent en même temps *la sagesse de la*

Providence dans ses directions générales & particulières” (RVN, t. X, f. *6 recto. Grifo acrescentado).

Essa ligação entre a ideia de *Providência* e a leitura de uma relação de viagem é algo que denota uma característica muito peculiar de Bernard. Ela vê, de fato, a descrição de uma viagem como um adendo de uma análise historiográfica. Seja através dos acontecimentos comuns para todos os povos seja através dos acontecimentos particulares a cada um, uma relação de viagem é um testemunho e uma fonte privilegiada para a compreensão dos fatos passados, presentes e futuros. Essa referência à *Providência* é repetida em diversos textos em que se refere à utilidade das *relações de viagem* e deixa transparecer a proximidade estabelecida entre a compreensão correta destas *relações* e a compreensão correta da própria *História*, como algo determinado por essa mesma *Providência* na organização das relações e acontecimentos dentro dos diversos povos. No geral, a literatura de viagem não era algo lido dessa forma. No próprio RVN, é possível perceber um outro prefácio de tradução – cujo autor me é desconhecido – que se inicia da seguinte forma:

Les livres de voyages ont moins besoin de préfaces que les autres : une Carte suffit pour faire connaître la situation & l'étendue des Pays qu'un voyageur décrit : les autres particularités qu'il recueille, au sujet des Religions, des mœurs, des coutumes, du commerce, &c. n'exigent ni introduction, ni commentaire. Sur ce principe, j'ai cru pouvoir me dispenser de rendre la Préface qui est à la tête de mon original, & je n'en aurais point mis moi même à la tête de ma traduction, si la gloire de mon Auteur & l'intérêt du public ne m'y eussent déterminé (RVN, t. VIII, f. *2 recto. Grifo acrescentado).

Essa citação revela a especificidade da concepção de Bernard sobre a utilidade de uma *relação de viagem*. Esta deve ter, para Bernard, uma organização que remeta à compreensão da *História* em sentido lato e que dê ao leitor elementos para a crítica da conjuntura vivida naquele momento, principalmente no que diz respeito à religião⁷. A *História* assim compreendida, como algo apreendido da leitura e compreensão dos modos de atuação da *Providência* entre os diversos Povos do mundo, é aqui utilizada como instrumento de *esclarecimento*. A compreensão da *História* seria então, segundo Bernard, perfeitamente constituída a partir do confronto entre as diferentes *relações* de viagem – desde que, é claro, sejam escritas de modo apropriado. Por essa razão, a elaboração de uma *relação* deve seguir certos parâmetros e princípios. Do contrário, ela se tornaria tão somente um apanhado de informações sem utilidade e, conseqüentemente sem importância. Essa preocupação leva Bernard a escrever uma “*Dissertation contenant des instructions pour voyager utilement, tirées des écrits du Chevalier Boile, des Transactions Philosophiques de la Société Royale d'Angleterre, & de quelques autres bons Auteurs*”, e que tem uma história

bastante interessante por evidenciar o modo como Bernard acrescenta à sua atividade de editor a oportunidade de apresentar as suas próprias concepções acerca do material que edita.

Bernard editor e a ideia de História

Durante os anos de publicação do RVN, as diferentes edições dão a Bernard a ocasião de modificar bastante os seus volumes, encontrando formas de fazer-se presente nos textos que edita, seja através de notas de rodapé, longos prefácios introdutórios, apresentações, notícias biográficas e etc. É justamente uma dessas modificações que dá origem à “*Dissertation contenant des instructions pour voyager utilement, tirées des écrits du Chevalier Boile, des Transactions Philosophiques de la Société Royale d’Angleterre, & de quelques autres bons Auteurs*”. É uma importante modificação, por mostrar como o trabalho editorial de Bernard refletia as suas concepções filosóficas. Ela envolve o quarto volume da primeira edição, publicado em 1718, e o primeiro volume da nova edição, publicado em 1731.

Na primeira edição, um dos textos recolhidos pelo quarto volume é a “*Relation du Royaume de Corée*”, traduzido do holandês por Bernard. Ele era precedido de um longo “*Préface du traducteur*” assinado por Bernard e que tratava dos mais diversos assuntos, seja de conhecimentos políticos que religiosos passíveis de serem aprendidos através dos relatórios de viagem publicados. Tratava-se de um prefácio de mais de 50 páginas. Na sua segunda edição, a “*Relation du Royaume de Corée*” é excluída do volume e o referido prefácio não encontra mais razão de ser, uma vez que o texto traduzido não se encontra mais presente. Isso não impede que Bernard o retome, reescreva e o transforme em um texto autônomo, juntando-o com outro conjunto de observações sob o título de “*Dissertation contenant des instructions pour voyager utilement...*” publicado no tomo primeiro da nova edição em 1731. Com isso, Bernard nos dá a ocasião de vislumbrar o modo de se relacionar uma *relação de viagem* com a *História* e o proveito a se tirar disso.

A diferença entre o texto colocado como *Préface du traducteur* e a *Dissertation* é significativa na medida em que ele se torna mais incisivo. Algumas referências históricas vagas são retomadas nominalmente e o direcionamento da discussão é feito no sentido de uma crítica à má utilização da *relação de viagem* como fonte de conhecimento tanto por parte do viajante como por parte do leitor. Utilizo como ponto de apoio para a discussão que se segue o texto da *Dissertation* tal como aparece no volume primeiro da nova edição. Ele está organizado na forma de dissertações autônomas e é colocado no início do volume.

A primeira dissertação gira em torno da utilidade das viagens, os parâmetros físicos e químicos a serem observados no relato, a forma como se relacionam os costumes, os ritos, as lendas e a religião. As informações mais curiosas sobre as diversas regiões visitadas e o modo de corroborá-las, aprimorá-las ou refutá-las. Enfim, o autor dá uma mostra de muita erudição e deixa transparecer a sua preocupação com estudos “etnográficos” e comparativos. No entanto, o caráter dessa primeira dissertação é muito geral. Como ele mesmo se recrimina ao comentar esse texto no *Avertissement* do volume X, a sua discussão envolve muitas coisas ao mesmo tempo e, por isso, não consegue se aprofundar em questões essenciais sobre a Filosofia, as Matemáticas ou sobre a Física.

A segunda dissertação, porém, parece-me muito melhor estruturada⁸. Era ela que compunha anteriormente o *Préface du traducteur* do volume IV da primeira edição. Ou seja, é um texto já pensado e amadurecido desde 1718. É aqui que Bernard aprofunda uma completa identificação entre os *relatos de viagem* e a *História*, de modo a defender a sua leitura como modelo de instrução pessoal. Nesse texto, Bernard afirma que a utilidade de uma viagem deve ser considerada em relação a três objetos importantes: a história dos homens, a história natural e a descrição dos lugares e objetos que são encontrados. Os dois últimos comporiam o objeto da dissertação anterior. O primeiro é justamente o objeto da presente dissertação.

Nessa discussão, Bernard nos apresenta diversas considerações sobre a construção de um *relato de viagem* que serão admitidas posteriormente como parâmetros para a construção da própria *História*. Já como princípio base das suas considerações, Bernard nos diz na p. CLI⁹ que “On doit éviter aussi de charger une relation de ce qui s’appelle contes & erreurs populaires : parce que la crédulité fait douter avec raison du jugement du Voyageur”. Os seus parâmetros para a escrita dos *relatos de viagem* seguem então cada vez mais próximos da *História*. Na página CLXXI, ele se refere à descrição dos hábitos e costumes das Nações mais afastadas – chamadas de selvagens – sobre as quais “[...] les Voyageurs nous en content des choses si étonnantes, & si bizarres, quelquefois même si contraires à la plus grossière nature, qu’il faut suspendre son jugement, & demander si *cela est vrai*, avant que de chercher l’origine & la raison de ces monstrueuses irrégularités”. Em outro momento, nas páginas CLXXIII-IV, ele defende que

[...] un Voyageur ne doit pas traiter si généralement de barbares, les modes & les coutumes de Peuples qui différent des *Européens*. On doit être persuadé qu’il y a très souvent en tout ce qui s’appelle *modes & coutumes*, une absurdité imperceptible aux yeux des gens, & qui ne les saurait frapper tant qu’ils les pratiquent actuellement. [...] Il n’y a donc de véritablement barbares, que les coutumes qui pèchent contre la nature & contre la bienséance : mais pour toutes les autres il ne faut pas en juger si sévèrement parce qu’elles sont arbitraires, quoi qu’en puissent

dire les Voyageurs Européens. Elles peuvent même varier selon les siècles & les Pays, être déshonnêtes & même infâmes en un temps & en certains lieux, pendant qu'elles seront bonnes & louables en un autre temps & en d'autres lieux

Ele continua relacionando a descrição dos costumes com a história na p. CLXXVIII, quando diz que “La recherche de l'origine des coutumes est aussi d'un grand secours à l'histoire”, e isso porque “[...] un habile homme découvrirait par cette recherche des choses très utiles sur l'origine des Peuples” (p. CLXXIX).

Todas essas citações mostram a preocupação no sentido de se escrever uma *relação de viagem* que possa ser útil ao esclarecimento do leitor e do próprio viajante e que possa também permitir a compreensão mais apurada dos fatos presentes. As suas críticas ao poderio da Igreja católica se multiplicam nessa ocasião. As *relações de viagem* se tornam assim uma grande arma para a defesa da tolerância religiosa e contra os abusos de Roma. Bernard explora diversos exemplos de relatos de missionários para mostrar como a sua narrativa é tendenciosa e absurda. Ele acrescenta: “Je mets encore au rang des fautes de jugement dans la narration, les réflexions peu justes & les applications forcées qui reviennent fréquemment dans les relations de quelques Voyageurs Missionnaires” (p. CLII). Analisando a relação de viagem do padre Feuillée, p. CLIII, ele observa como os viajantes missionários colhem qualquer ocasião para exaltar a religião cristã. Descreve como Feuillée, ao encontrar nas margens de um rio no Peru algumas pedras que tomavam a forma perfeita de uma cruz, se refere a isso como uma maravilha e como prova do Império de Jesus Cristo sobre a terra. Bernard rebate:

Il y a tant d'autres choses plus belles sans doute & plus remarquables, où un habile homme peu admirer avec raison les effets de la Providence, & faire valoir la puissance de Dieu sur toute la nature. [...] Pour vouloir trop faire valoir le Christianisme, quelquefois les Missionnaires s'arrêtent à des minuties qui lui ôtent une partie de sa dignité (RVN, t. 1 nouv. éd., 1731).

Ele nos mostra também como muitas das coisas que são tidas como absurdas em outras religiões são encontradas em muitas práticas cristãs. E sobre isso elenca alguns exemplos: 1) a falta de obrigação de se respeitar a fé dos heterodoxos, afirmando que “Sur cela on crie au Turc & à l'Infidèle, sans penser que notre manière d'agir avec ceux d'une autre croyance n'est que trop conforme à une maxime, qui doit son origine aux mêmes passions qui se trouvent dans tous les hommes” (p. CLXII); 2) a perfeita relação entre o papel do *Sheik* de Meca e o papel do *Papa* dos cristãos; 3) A barbárie dos maometanos sobre os Cristãos, que é equiparável à barbárie destes sobre os americanos, pois “[...] quelle que soit l'autorité du Vicaire de J.C. avait il plus de

droit sur le *Nouveau-Monde*, que le *Cheik de la Méque* en aurait aujourd'hui sur l'*Europe* s'il s'avisait de la partager aux *Mahométans?*", (p. CXLIII-IV); 4) o fato de muito viajantes se referirem aos religiosos maometanos ou Idólatras como interesseiros, sem perceberem como muitos Missionários se travestem de faquires, mínimos maometanos ou em brâmanes e bonzos para fazerem negócios. São todos exemplos que podem ser retirados, segundo ele, dos *relatos de viagem* publicados nessa época e que devem ser tomados como fonte de esclarecimento.

O último exemplo, bastante significativo por fazer uma crítica direta aos absurdos da Inquisição, se inicia assim: "On jugera des lumières des *Espagnols* du *Pérou*, par la circonstance suivante que raconte le Père *Feuillée*" (p. CXLIV). E então ele conta que esse povo, sendo por muito tempo hábil na navegação dos mares do sul, demorava ao menos seis meses para fazer a viagem que levava do Peru ao Chile. Um capitão, porém, ao fazer essa viagem em apenas três meses, foi acusado de magia e foi inclusive citado pela Inquisição. Foi inocentado somente quando refez a viagem com equipamentos não suspeitos e acompanhado de outro barco, "[...] dont la foi n'était pas suspecte non plus au saint Tribunal. *Belle conséquence à tirer en faveur de cette formidable Inquisition, qui prétend convertir les Gentils & les Hérétiques!*" (p. CLXV. Grifo acrescentado).

A guisa de conclusão

De tudo isso, é possível perceber que, ainda que Bernard não desenvolva uma discussão teórica determinada e pormenorizada sobre a *História*, ele estabelece princípios que serão muito próximos àqueles utilizados por Voltaire, por exemplo, nos seus escritos históricos e nos faz perceber a importância da análise desse tipo de literatura para a compreensão do amadurecimento dessa problemática no século XVIII. Sobretudo a defesa de que um conhecimento mais aprofundado sobre a condição dos povos diferentes do europeu pode levar ao esclarecimento em relação aos conflitos da fé, tão comuns naquele momento e acirrados após a publicação da bula *Unigenitus*, em 1713, condenando o Quesnelismo.

Através da explicação e organização dos *relatos de viagem* no seio de seu trabalho como editor, Bernard encontra espaço para a discussão das concepções de *História* que acredita mais adequadas. Dentre outras coisas, pode-se dizer que ele propõe a identificação de fins entre as *relações de viagem* e a *História* por ser possível: i) Indicar a "leitura" dos diferentes povos como uma fonte idônea para a "leitura" da atuação da *Providência* no mundo; ii) defender a explicação das transformações sofridas pelos Povos em função

das suas distâncias no tempo como semelhantes às suas transformações advindas em função das suas distâncias no espaço; iii) estabelecer parâmetros factuais de comparação entre os povos, para que seja possível julgar da justeza das suas ações entre si, principalmente no que diz respeito às questões de tolerância religiosa. São princípios que Bernard irá levar por boa parte da sua produção editorial e que irá fundamentar alguns de seus projetos editoriais como as “*Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du Monde*” (1723-1743), a “*Histoire critique des pratiques superstitieuses*” (1733), as “*Dissertations mêlées sur divers sujets importants et curieux*” (1740), além das obras que são devidas ao seu trabalho como autor e não como editor.

Acredito, no entanto, que perceber esse tipo de preocupação no seio do seu trabalho editorial seja algo importante por si mesmo, porque abre um campo de compreensão muito mais determinado sobre as razões teóricas – e não somente comerciais – que podem ter levado certos editores e grupos editoriais a trazer à luz através de suas oficinas a grande massa de manuscritos filosóficos descritos depois como “clandestinos” e que, segundo alguns¹⁰, compuseram a base ideológica das *Luzes* posteriores, não somente no que diz respeito às concepções sobre a *História*, mas em relação aos diversos campos de discussão do universo humano.

Referência bibliográfica

Primária

BERNARD, Jean-Frédéric (éd). *Recueil de voyages au Nord* : contenant divers mémoires très utiles au Commerce & à la Navigation. Amsterdam, 1718. Tome quatrième.

_____. (éd). *Recueil de voyages au Nord* : contenant divers mémoires très utiles au Commerce & à la Navigation. Amsterdam, 1738. Tome X & dernier.

_____. (éd). *Recueil de voyages au Nord* : contenant divers mémoires très utiles au Commerce & à la Navigation. Nouv. éd. corrigée & mise en meilleur ordre. Amsterdam, 1731. Tome premier.

_____. (éd). *Recueil de voyages au Nord* : contenant divers mémoires très utiles au Commerce & à la Navigation. Amsterdam, 1727. Tome huitième.

_____. (éd). *Recueil de voyages au Nord* : contenant divers mémoires très utiles au Commerce & à la Navigation. Troisième éd. aug. Amsterdam, 1734. Tome V.

Secundária

ARTIGAS-MENANT, Geneviève. *Du secret des clandestins à la propagande voltairienne*. Paris : Honoré Champion, 2001.

BARBIER, Antoine Alexandre. *Dictionnaire des ouvrages anonymes*. 3ème éd., rev. augm. Paris: Paul Daffis, 1872, 1874, 1875, 1879. IV volumes. (édition numérique sur Gallica.bnf.fr).

BLOCH, O. (éd.), *Le Matérialisme du XVIIIe siècle et la littérature clandestine*, Paris, Vrin, 1982.

CASSIRER, Ernst. *La philosophie des lumières*. Paris: Fayard, 1966.

HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne : 1680-1715*. Paris : Gallimard, 1961.

LANSON, Gustave. Questions diverses sur l'histoire de l'esprit philosophique en France avant 1750. *Revue de Histoire Littéraire de la France*. 19 (1912), p.1-29, 293-317.

MOUREAU, François. *La plume et le plomb : espace de l'imprimé et du manuscrit au siècle des Lumières*. Paris : PUPS, 2006.

MURR, Sylvia. Indianisme et militantisme protestant. *18e Siècle*, 18 (1986), p. 303-23.

SGARD, Jean. *Dictionnaire des journalistes*. Disponível em <<http://dictionnaire-journalistes.gazettes18e.fr/>>. Acesso em 22 fev. 2012.

SHORT-TITLE Catalogue – Netherlands (STCN). Disponível em : <<http://www.kb.nl/stcn/index-en.html>>. Acesso em 25 fev. 2012.

VOLTAIRE. *La Philosophie de l'Histoire*. Edited by J. H. Brumfitt. 2. ed. rev. In. BESTERMAN, Theodore (org). *The complete Works of Voltaire*. Genève: Institut et Musée Voltaire; Toronto: University of Toronto Press, 1969. v. 59.

WADE, Ira Owen. *The clandestine organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*. New York: Octagon Books, 1967.
Reimpressão da primeira edição de 1938.

¹ Cf. Cassirer (1966, p. 33): “La philosophie des Lumières commence, en Angleterre et en France, par briser la forme périmée de la connaissance philosophique, la forme du système métaphysique. Elle ne croit plus au privilège ni à la fécondité de l’« esprit de système » : elle y voit, non la force, mais l’obstacle et le frein de la raison philosophique ».

² É curioso notar como Voltaire, em 1765, publica um livro intitulado *La Philosophie de l’histoire*, mas com preocupações muito distantes daquelas discutidas por filósofos como Hegel ou Kant posteriormente. Seus escritos históricos e de Filosofia da História demonstravam uma preocupação muito mais “empírica” na compreensão daquilo que pretendiam discutir. Por isso, não vejo como ser contrário a Brumfitt quando se refere à *Philosophie de l’Histoire* de Voltaire: “When Voltaire decided to call this work *La Philosophie de l’histoire*, he had, of course, no idea that he was giving currency to one of the catchwords of the following century. Indeed, if he had known what the phrase means to us, he would probably have chosen another title, or written another book”. Cf. Brumfitt (1969, p. 13).

³ Para uma discussão sobre o significado da expressão “Filosofia clandestina” e sua relação com o *Iluminismo* do século XVIII, Cf. o texto clássico de Gustave Lanson, *Questions diverses sur l’Histoire de l’esprit philosophique en France avant 1750*, de 1912, e também o de Ira O. Wade, *The clandestine organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*. Além disso, Cf. também François Moureau, *La plume et le plumbe: espace de l’imprimé et du manuscrite au siècle des lumières*, 2006; ARTIGAS-MENANT, Geneviève. *Du secret des clandestins à la propagande voltairienne*. 2001; THOMSON, Ann, *Qu’est-ce qu’un manuscrit clandestin?* in O. Bloch (éd.), *Le Matérialisme du XVIIIe siècle et la littérature clandestine*, Paris, Vrin, 1982.

⁴ Sendo essa última a primeira grande *coletânea* de textos oriundos do corpus de *manuscritos filosóficos clandestinos* publicada na primeira metade do século XVIII, em moldes muito parecidos às coletâneas publicadas posteriormente por Voltaire e a *coterie* do barão d’Holbach.

⁵ Esse *Avertissement*, como é de costume em relação aos elementos pré-textuais de um livro, não é paginado. No entanto, para fins de localização das citações quando isso acontecer, utilizarei como número de página a assinatura empregada no rodapé do texto, indicando *recto* para a parte anterior da folha e *verso* para a posterior.

⁶ Tal prefácio será discutido em pormenor na seção seguinte.

⁷ Não se trata de uma ideia original. Jean Chardin, no prefácio do seu *Journal du Voyage* (1686), observa como a sua viagem à Pérsia lhe ajudara a compreender melhor os fatos narrados na Bíblia. Por essa razão, ele se diz interessado em terminar e publicar as suas *Notes sur divers endroits de l’Ecriture Sainte* (jamais publicadas), para que seja possível aos leitores a compreensão correta de vários fatos bíblicos que foram mal compreendidos por falta de conhecimentos específicos sobre alguns hábitos e costumes dos povos persas. É curioso notar que Chardin é um viajante bastante citado por Bernard em seus prefácios e notas ao RVN, mas o texto do seu *Journal* jamais fora recolhido por esse editor (ao menos no RVN). No entanto, o volume V do RVN disponível na Bayerische Staatsbibliothek de Munique traz o prefácio desse texto como um dos seus elementos pré-textuais. Ele não faz parte da edição e parece ter sido encartado no momento da encadernação do volume. É impossível saber a razão de tal fato, mas eu arriscaria dizer que o proprietário do volume talvez tenha notado a proximidade entre a proposta de Bernard e a de Chardin e tenha colocado os dois textos em conjunto. De qualquer modo, é algo que exigiria pesquisa mais aprofundada.

⁸ Não obstante o autor também a critique bastante quando a ela se refere no volume X.

⁹ A paginação aqui utilizada – ao menos que haja indicação em contrário – se refere ao volume I da nova edição, de 1731.

¹⁰ Como Gustave Lanson, Ira Wade, Olivier Bloch e etc.